

Movimentos Sociais

A aula ou oficina busca debater os movimentos sociais para promover uma reflexão a respeito dos modos populares de organização e de luta. A proposta é abrangente o suficiente para ser um momento destinado a participantes e não participantes de movimentos sociais. A partir das experiências e das reflexões de Lenira Carvalho, será possível investigar as relações entre ação coletiva, organização política e transformação social.

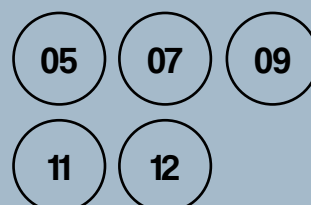
Lenira Carvalho tem importantes contribuições para pensarmos a respeito das identidades e ações coletivas. As suas reflexões surgem de seu trabalho, do seu processo de engajamento e de sua prática cotidiana de defesa dos direitos das trabalhadoras domésticas. Ainda que estivesse atenta às especificidades das lutas das domésticas, Lenira buscou sempre articular as lutas sociais. Acerca disso, Bernardino-Costa sugere que chamemos de “interseccionalidade emancipadora” a articulação das trabalhadoras domésticas com movimentos negros, sindicais e feministas. Nas últimas décadas, essa articulação, com o protagonismo das domésticas, foi um fator central na conquista de direitos trabalhistas. A experiência e as formulações de Lenira Carvalho ensinam que a atuação política é feita com alianças, cooperações e redes que permitem que os setores subalternizados resistam aos padrões de poder.

Em termos mais conceituais, as teorias dos movimentos sociais têm várias perspectivas e autoras centrais. Apesar de importantes divergências entre elas, todas buscam dar conta de como se constituem e como atuam os sujeitos políticos coletivos. Para a construção deste roteiro pedagógico, nos fundamentamos nas contribuições de dois teóricos: Alberto Melucci e Charles Tilly. Os dois abordam o caráter conflitivo da política com o interesse de entender como os movimentos sociais contribuem com mudanças na sociedade. Melucci nos permite compreender as ações e as identidades coletivas com um enfoque nas interações entre os indivíduos e nas suas intenções. Tilly nos ajuda com seu debate sobre os repertórios de ação coletiva que constituem a atuação dos movimentos sociais.

Objetivos

- *Introduzir uma reflexão teórica sobre os movimentos sociais.*
- *Promover uma discussão coletiva sobre o engajamento e a atuação dos e nos movimentos sociais.*

Roteiros pedagógicos que se relacionam:



Movimentos Sociais

Percurso metodológico

Tempo total estimado: 2h

- 30'** MOMENTO 1.
Sensibilização
- 30'** MOMENTO 2.
Atividade sobre imagens de luta
- 60'** MOMENTO 3.
Debate sobre movimentos sociais

Materiais necessários

01. Dispositivos para exibição do vídeo da Atividade de sensibilização 1.
02. Imagens impressas ou projetadas para a Atividade sobre imagens de luta.
03. Cópias do texto “O que Lenira Carvalho tem a nos ensinar sobre os movimentos sociais?”.
04. Cópias dos capítulos “Patrão só muda se for por uma pressão da gente”, “As ações têm que ser diferentes” e “Poucas não vão gritar com muita garra”, do livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*.
05. Lousa ou cartolinas para a escrita.

Preparação

Para realizar a aula ou oficina, sugerimos que a educadora se prepare com os seguintes materiais:

- Ver o filme *Digo às companheiras que aqui estão*, atenta aos seguintes tópicos: organização política, identidade coletiva, luta social e revolta.
- Ler os capítulos “Uma nova visão de mundo”, “Patrão só muda se for por uma pressão da gente”, “As ações têm que ser diferentes” e “Poucas não vão gritar com muita garra”, do livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*.



www.leniracarvalho.com.br/roteiro8

Para aprofundar

Estes materiais servem como uma boa consolidação dos aprendizados:



Movimentos sociais e ação coletiva (2015), episódio do podcast *Café com Sociologia*.



Feminismo como movimento social: elementos para pensar a prática (2020), de Carmen Silva. Capítulo do livro *Para onde vamos? Feminismo como movimento social*.



FMPE - Imagens de luta. A publicação é fruto de um processo de imersão no acervo fotográfico do Fórum de Mulheres de Pernambuco. A pesquisa foi realizada como parte do projeto *Rastros e Levantes*, pela comissão de Memória do FMPE, Marcela Lins e Guilherme Benzaquen.

Memória e Movimentos Sociais. Projeto que reúne fotografias, de cunho etnográfico e documental, de autoria da fotógrafa Claudia Ferreira e tem como missão contribuir para o resgate da memória dos movimentos sociais contemporâneos e ser uma fonte de Fotografia Pública dos movimentos sociais brasileiros, especialmente os movimentos feministas.

Estes materiais podem contribuir para um maior aprofundamento dos debates:



Decolonialidade e interseccionalidade emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil, artigo de Joaze Bernardino-Costa publicado na *Sociedade e Estado*, v. 30, p. 147-163, 2015.

A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas, de Alberto Melucci.

Movimentos sociais como política, artigo de Charles Tilly publicado na *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 3, p. 133-160, 2010.

Passo a passo

Momento 1. Sensibilização

Atividade de sensibilização A

O objetivo desta atividade é possibilitar uma aproximação com o debate sobre movimentos sociais a partir de suas manifestações mais visíveis. Os movimentos sociais têm distintas formas de atuação. O modo mais visível é a ocupação das ruas com atos públicos. Para começar a aula ou oficina, sugerimos a seleção de um dos disparadores:

- Exibir um breve vídeo de alguma mobilização social – de preferência de um ato no 8 de março, Dia Internacional de Luta das Mulheres.
- A leitura conjunta de um relato, ou uma reportagem, sobre uma manifestação recente, pré-selecionado pela educadora.

Depois, sugerimos que se realize uma conversa com as seguintes perguntas: você já viu uma mobilização assim ao vivo? Você já participou? O que você acha do fato de muitas pessoas irem às ruas ao mesmo tempo reivindicar algo ou protestar contra algo?

Atividade de sensibilização B

Se as participantes da aula ou oficina forem militantes ativas de um movimento social, sugerimos que o momento inicial seja de estímulo da lembrança. A história da participação de cada uma em lutas coletivas serve aqui como ambientação para permitir uma reflexão sobre a organização coletiva a ser realizada em toda a oficina ou aula. A educadora deve começar o encontro com uma pergunta disparadora: qual a lembrança mais marcante de sua participação em um movimento social? A proposta é que cada participante faça um breve relato descritivo de alguma memória de sua história de engajamento político. Sugerimos que não se discuta muito as lembranças e que deixem elas atuarem como evocações de lutas sociais.

Momento 2. Atividade sobre imagens de luta

A atividade consiste em apresentar algumas imagens de movimentos sociais para realizar um debate a respeito dos repertórios de ação coletiva. A educadora deve pré-selecionar imagens que demonstrem a variedade de modos de atuação dos movimentos sociais. Isso pode ser feito, por exemplo, com imagens de assembleias, reuniões, protestos, performances, mesas de negociação, campanhas nas redes sociais, petições online etc. Sugerimos a utilização de fotografias da publicação “FMPE - Imagens de Luta” (disponível no **Para aprofundar**). Antes de mostrar as imagens, a educadora deve perguntar: o que fazem os movimentos sociais? Depois de ouvir as respostas, as imagens podem ser projetadas ou, se estiverem impressas, repassadas. A seguir, a educadora deve pedir que as participantes atribuam uma ordem hierárquica de importância a cada tipo de ação. Por fim, deve problematizar essa ordem, fazendo um debate sobre visibilidade e organização. O intuito é que as participantes entendam que há muitas formas de atuação e que elas se complementam. Ocasionalmente alguma pode assumir maior importância, porém, isso ocorre de acordo com o contexto político enfrentado pelos movimentos sociais e não por conta da forma de atuação em si. Isto é, não haveria protestos se não houvesse reuniões. Além disso, em alguns momentos as campanhas nas redes sociais podem ser mais efetivas do que protestos nas ruas, ou vice-versa.

Momento 3.

Debate sobre movimentos sociais

O debate central da aula ou oficina busca construir uma reflexão coletiva acerca de como se constrói e como se mantém um movimento social. Isso deve ser feito a partir da história de lutas de Lenira Carvalho e das trabalhadoras domésticas. A atividade deve ser executada com a divisão das participantes em quatro grupos. Cada grupo deverá fazer a leitura interna de um dos textos a seguir de modo que as participantes se alternem na leitura para ampliar a participação ao máximo possível:

- Texto “O que Lenira Carvalho tem a nos ensinar sobre os movimentos sociais” – deste roteiro.
- Capítulo “Patrão só muda se for por uma pressão da gente” – do livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*;
- Capítulo “As ações têm que ser diferentes” – do livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*;
- Capítulo “Poucas não vão gritar com muita garra” – do livro *A luta que me fez crescer e outras reflexões*.

Depois de uma breve conversa dentro dos grupos sobre o texto lido, a educadora deve reunir o grupo todo para promover um debate geral. Cada grupo deve apresentar aos outros o que leu e debateu.

A seguir a educadora deve conduzir a atividade de modo a articular o **Glossário** com o que foi debatido. Com a utilização de uma lousa ou cartolinas, a sugestão é que sejam escritos os quatro termos do **Glossário** e que seja feita a leitura de seus significados para as participantes. Depois, a educadora deve convidar as participantes a relacionar esses conceitos com as experiências de Lenira Carvalho. A educadora deve anotar as palavras centrais que forem utilizadas para cada termo. Depois desse momento mais centrado na experiência de Lenira, as participantes devem relacionar os termos com as suas próprias experiências e seus conhecimentos sobre movimentos sociais. Ao fim, haverá um esquema que relaciona os termos conceituais do **Glossário** com o debate feito na aula ou oficina.

O que Lenira Carvalho tem a nos ensinar sobre os movimentos sociais?

Antes de se organizar em movimentos sociais, Lenira Carvalho viveu as opressões do trabalho doméstico com revolta e com medo. Esses eram sentimentos muitas vezes partilhados pelas trabalhadoras domésticas. Conquistar direitos era difícil quando a reivindicação era feita individualmente. O patrão e a patroa podiam substituir facilmente aquela trabalhadora que, por exemplo, exigia uma jornada de trabalho com horas de começo e término definidas. De acordo com Lenira, sofrer individualmente não diminui as opressões, pois, para serem transformadoras, as lutas devem ser coletivas. A força dessa coletividade existe justamente quando as situações de opressão partilhadas são identificadas conjuntamente e utilizadas como incentivo para a organização. É necessário, portanto, um movimento social.

No caso pessoal de Lenira Carvalho, a sua militância teve início na Juventude Operária Católica em Recife, antes do golpe militar de 1964. Esse engajamento pessoal a colocou em contato com outras militantes e a tornou consciente de que partilhava de muitos problemas enfrentados pelas trabalhadoras em geral. Depois desse momento, uma ação e uma identidade coletivas permitiram a formação de uma associação de empregadas domésticas. Essa organização, entretanto, não ocorreu facilmente porque eram poucos os horários possíveis de encontro entre as trabalhadoras por conta das jornadas de trabalho muito longas. Além disso, como o trabalho doméstico não era reconhecido como categoria profissional, não era possível ter um sindicato. Quando fundada, a associação se tornou um ponto de encontro para partilha da vida e para a mobilização em prol de pautas de seguridade social e de direitos trabalhistas. Lenira atuou nesse movimento social em nível local, mas também em articulações nacionais, em especial, na construção de vários congressos de sua categoria. Logo depois da aprovação da constituição de 1988, foram fundados sindicatos das trabalhadoras domésticas em todo o país. Lenira Carvalho avaliou

que, no caso do sindicato de Pernambuco, isso representou um ganho qualitativo para as suas lutas por aumentar a procura das trabalhadoras por seus direitos. Isso significa que quanto mais gente envolvida diretamente em uma causa social, maior é a capacidade de se avançar em suas conquistas.

Lenira concebe as organizações das trabalhadoras em diálogo e articulação com outros sujeitos políticos. Ela pensa, nos movimentos sociais, de modo concomitante com a atuação das trabalhadoras por seus direitos trabalhistas. A identidade coletiva mais imediata reivindicada por Lenira é a das trabalhadoras domésticas, por isso ela está sempre atenta às especificidades dessa categoria profissional. Porém, ela nunca esquecia das articulações que as ligam às lutas mais gerais da classe trabalhadora. A organização é a organização da categoria das domésticas, mas também da classe trabalhadora. E as articulações não param por aí. Por ter sido coordenadora do Fórum de Mulheres de Pernambuco e do conselho diretor do SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, Lenira Carvalho evidenciava que há também uma aliança necessária entre as mulheres e que houve uma aproximação importante entre os movimentos de domésticas e os movimentos feministas. Um marco dessa articulação ocorreu na Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988.

Em síntese, toda a história da atuação das trabalhadoras domésticas demonstra a necessidade de que os indivíduos se articulem em ações coletivas para conquistar as mudanças necessárias na sociedade. Isso pode ocorrer de modos muito distintos, a depender do contexto histórico e social que delimita o repertório de ação coletiva disponível para os movimentos. De qualquer maneira, ao lutarem por suas demandas mais imediatas ou em articulação com outras organizações, os movimentos sociais contribuem conjuntamente para uma sociedade mais justa, igualitária e inclusiva.

Glossário

Ação coletiva

O sociólogo italiano Alberto Melucci, no livro *A invenção do presente*, afirma que a ação coletiva de um movimento é resultado de um investimento conjunto de múltiplos indivíduos, ou seja, é aquilo que as pessoas fazem conjuntamente. Uma ação coletiva é definida a partir das possibilidades e dos limites de atuação, que podem ocasionalmente ser ultrapassados.

Identidade coletiva

Melucci afirma que a identidade coletiva se constrói com as interações dos indivíduos que definem as suas orientações de ações e o campo de disputas onde atuam. Ele defende que “a identidade coletiva não é um dado ou uma essência, mas um produto de trocas, negociações, decisões, conflitos entre os atores”.

Movimento social

Melucci define movimento social como “a mobilização de um ator coletivo, definido por uma solidariedade específica, que luta contra um adversário para a apropriação e o controle de recursos valorizados por ambos”. O movimento social é, portanto, uma ação coletiva duradoura, “cuja orientação comporta solidariedade, manifesta um conflito e implica a ruptura dos limites de compatibilidade do sistema ao qual a ação se refere”. De outro modo, o sociólogo americano Charles Tilly, em um texto chamado “Movimentos sociais como política”, tratou os movimentos sociais “como uma forma específica de política contenciosa, no sentido de que os movimentos sociais envolvem a elaboração coletiva de reivindicações que, alcançando sucesso, conflitariam com os interesses de outrem; política, no sentido de que governos, de um ou outro tipo, figuram de alguma forma nesse processo, seja como demandantes, alvos das reivindicações, aliados desses alvos, ou monitores da contenda”.

Repertório de ação coletiva

Na concepção de Tilly, o repertório é o conjunto possível de ação coletiva. O foco é na prática dos sujeitos quando estes agem conjuntamente, e o autor argumenta que, em cada época, há um conjunto finito de práticas disponíveis para seleção dos sujeitos. Porém, as variações culturais e a capacidade de atuação dos atores coletivos fazem com que, apesar de limitadas, haja uma ampliação de possibilidades na escolha das formas de ação.

